



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Comunidades quilombolas no Amazonas: identidades e processos folkcomunicacionais¹

Renilda Aparecida Costa²

Jessica Dayse Matos Gomes³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM.

Resumo

O presente artigo trata sobre a Folkcomunicação das comunidades de remanescentes quilombolas amazonenses. A afirmação de identidades quilombolas no Estado do Amazonas tem sido crescentes nos últimos anos e a luta por reconhecimento pelas comunidades negras são veiculadas através de suas manifestações folkcomunicacionais. Utilizou-se pesquisa bibliográfica sobre os quilombos reconhecidos e ensaios etnográficos em territórios tradicionais do Rio Andirá, Barreirinha, Estado do Amazonas. Entende-se que a cultura e identidade negra no Amazonas foram silenciadas durante muito tempo na História Oficial e que o estudo da luta dos remanescentes através de seus processos folkcomunicacionais apresenta um olhar mais aprofundado sobre a identidade cultural do Estado.

Palavras-chave: identidade; quilombolas; cultura; Folkcomunicação.

O professor e jornalista Luiz Beltrão apresenta a disciplina Folkcomunicação no final da década de 1960 para estudo dos “impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares”, uma vez que essas classes também são marginalizadas no meio social (BREGUÊZ, 2002). A Folkcomunicação é então metodologia de troca de informações e mostras de opiniões, conceitos e costumes da massa, por meio de agentes e elementos ligados direta ou indiretamente ao folclore (BELTRÃO, 2001; MACIEL, 2011; SOUZA E PEDROSA, 2012).

¹ Trabalho apresentado no GT 5: Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade, na XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação – FOLKCOM, realizado de 25 a 27 de junho no Campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Parintins (AM).

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA. E-mail: renildaaparecidacosta@gmail.com.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e professora da rede estadual de Ensino – SEDUC/AM. E-mail: dayse_hinata@hotmail.com.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A folkcomunicação permite analisar processos comunicacionais que constantemente acontecem em manifestações populares realizadas por distintos grupos, comunidades e classes. O presente estudo faz uma discussão sobre os processos folkcomunicacionais que ocorrem no interior de comunidades de remanescentes quilombolas no Estado do Amazonas.

A afirmação de identidades quilombolas no território amazonense tem sido crescente nos últimos anos e a luta por reconhecimento de remanescentes quilombolas tem sido constante em diferentes âmbitos. Utilizou-se pesquisa bibliográfica e etnográfica em territórios do Rio Andirá, onde cinco comunidades são reconhecidas como territórios de descendentes de negros.

Entende-se que a cultura e identidade negra no Amazonas foram silenciadas durante muito tempo e que a luta dos remanescentes apresentam um olhar mais aprofundado sobre a identidade cultural do Estado. Os antigos mocambos que resistiram no tempo e espaço amazônico se constituíram como comunidades de remanescentes quilombolas que vem lutando pela prática de seus direitos resguardados pelo artigo 68 da Constituição Federal de 1988.

Percebeu-se que o uso do vocábulo quilombo tem sido constante nas comunidades contemporâneas brasileiras nas últimas décadas, sendo este termo se tornou preferido ao contrário de mocambo, que é menos usado. A constante utilização da palavra quilombo é justificada pela inserção precoce do termo mocambo na língua portuguesa brasileira, sendo que mocambo perdeu espaço para a popularização de quilombo ocorrida no século XX, principalmente em termos históricos, como o uso em “Quilombo dos Palmares” (TILLQUIST, 2013).

Sabe-se que a cultura negra, que durante muito tempo foi excluída dos documentos oficiais, também foi limitada a feiras do conhecimento sob o ponto de vista do folclore, apresentando apenas a contribuição gastronômica, festiva e a condição escrava. Nas últimas décadas tem-se analisado de forma mais abrangente os variados aspectos da cultura Africana e Afro-brasileira ligando sua importância como uma das culturas formadoras da identidade brasileira, mas, sobretudo, de grande relevância na



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

identidade nacional, com novas abordagens que até então eram silenciadas nos registros da História Oficial.

Identidade quilombola no Amazonas em questão

Na contemporaneidade, a afirmação de identidade tem suscitado múltiplas discussões em meio às lutas por reconhecimento, por territórios e manutenção de tradições. Na historiografia brasileira existem grupos que são reconhecidos como importantes a formação da cultura nacional, contribuindo de forma significativa para identidade do povo brasileiro. Entende-se que a identidade contribui para que cada grupo possa se reconhecer grupo, tendo sua linguagem, seus símbolos e tradições como base.

Falar a respeito de identidade é considerar as características particulares de cada grupo, seus aspectos simbólicos, suas crenças, ritos, modos de vida, e a reflexão sobre qual se pertence. Para Hall (1996, p. 70), “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história”.

Entende-se que a identidade contribui para que cada grupo se reconheça como tal, tendo como suporte a língua, os símbolos e os costumes que ajudam na compreensão da identidade nacional.

.A percepção da identidade de um grupo leva a autoafirmação, porém, esse processo possui complexidade, uma vez que sujeitos e grupos podem possuir mais de uma identidade, em meio ao paradoxo causado pelas relações de poder existentes no meio social (FOUCAULT, 2000).

Para Moresco e Ribeiro (2015), o primeiro capítulo da obra “Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais”, elaborada por Kathryn Woodward, sustenta a ideia de que a identidade é dependente de outra identidade para sua existência.

As relações sociais mostram que uma identidade existe somente pelo aparecimento de outra identidade exterior ao seu meio, seja cultural ou social. As relações entre estas identidades as destingem, uma vez que a identidade é marcada pela



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

diferença, e esta gera classificação por símbolos em vários domínios da sociedade humana. Costa (2001, p. 36) considera que “as diferenças culturais são, em grande parte, resultado da intervenção dos sistemas educacionais, já que os seres humanos não possuem diferenças - elas são construídas a partir de contextos que eram sempre relacionais”.

Moresco e Ribeiro (2015, p. 172) consideram que “o social e o simbólico são dois processos distintos, mas necessários para a construção e manutenção das identidades”. As autoras destacam que, de acordo com Woodward (2014, p. 14), a condição simbólica dá sentido às práticas e relações desenvolvidas em sociedade, determinando, assim, quem são os excluídos e os incluídos em seus meios.

Resgatar a trajetória dos negros no espaço amazônico exige um trabalho minucioso colaborado com grandes obras sobre a presença negra na Amazônia, entre as quais se encontram os indícios para reflexão, uma vez que, de acordo com Ginzburg (1989, p.177) “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Para Gomes (2011, p. 6):

É através desses *sinais* e *indícios* dispersos na documentação e perscrutando a realidade opaca da colônia que seguiremos os fugitivos pelo vasto território amazônico na expectativa de *decifrar* suas ações, sem, todavia, a mínima pretensão de exaurir as muitas perguntas carentes de respostas.

Inicialmente através de indícios e estudos aprofundados, comunidades quilombolas vêm sendo reconhecidas através das lutas de seus remanescentes, tais como o Quilombo do Tambor, em Novo Airão; os Quilombos do Rio Andirá, em Barreirinha; o Quilombo Urbano na Praça 14, em Manaus e, mais recentemente, o Quilombo do Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa, em Itacoatiara. Para Costa (2001, p. 79) “o reconhecimento também é elemento fundamental para a política de identidade”.

Territórios do Amazonas Negro: (re) conhecimento e folkcomunicação da cultura afro.

Sobre as comunidades remanescentes negras que vem sendo reconhecidas nos últimos anos, pode-se abordar um breve contexto de suas realidades em meio a conflitos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

por territórios, às memórias da escravidão dos antepassados e as tradições que vem sendo mantidas em suas comunidades.

O primeiro quilombo a ser reconhecido foi o Tambor, em Novo Airão, Estado do Amazonas, que foi afirmado oficialmente pela Fundação Cultural Palmares – FCP por meio da Portaria nº 11, de seis de junho de 2006 (PONTES EPONTES, 2016).

No artigo Quilombos na Amazônia: um esboço preliminar do Estudo de “Comunidades de Pretos” no Complexo Madeira, Emmanuel de Almeida Farias Júnior (2007, p.7) considera a perspectiva de Fredrik Barth (2000) levando em conta a auto definição e como os remanescentes de quilombos são reconhecidos pelos outros. Na maioria das vezes poderemos encontrar topônimos, como “rio dos pretos”, “lago dos pretos”, “comunidade dos pretos”, “lago do mocambo” ou ainda “Comunidade dos morenos”.

Emmanuel de Almeida Farias Júnior também apresenta na obra Quilombolas no Amazonas: do Rio dos Pretos ao Quilombo do Tambor (2011), por meio do cunho antropológico, a trajetória e formas de construção de identidades quilombolas no município de Novo Airão. Nessa localidade, se desenvolveu o Quilombo do Tambor constituído de descendentes de escravos oriundos de Sergipe, que iniciou sua trajetória ocuparam a região do Rio Paunini, chamado posteriormente de Rio dos Pretos.

O estranhamento causado pela presença negra na Amazônia tem sido amenizado com as pesquisas nos diversos campos do conhecimento sobre as vivências e permanências dos negros na região. Farias Júnior (2011) faz uma análise dos processos sociais de reivindicação da identidade coletiva dos quilombolas da comunidade do Tambor, uma vez, que estes enfrentam situação de conflito com a implantação da Unidade de Conservação Parque Nacional do Jaú, por isso a análise de Farias Júnior trata da reivindicação territorial pelos auto definidos quilombolas do Tambor frente às áreas do Parque Nacional do Jaú.

A história dos pretos do Rio Paunini é apresentada através dos relatos de pessoas ligadas a região aonde se constituiu o Quilombo do Tambor. Mostra-se a visão dos descendentes de negros sobre a exploração do Rio Paunini, sua posição a respeito da implantação da Unidade de Conservação quando os mesmos já dominavam a área na



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

década de 1980. Também se verifica as relações de poder, a autoridade das famílias residentes na localidade e sua relação com outros grupos, atividades e instituições. Esses “pretos” também eram vistos de forma negativa, assim, como os tapuios no Pará durante o período pombalino ou em muitos outros momentos (FARIAS JÚNIOR, 2011).

As pessoas pertencentes ao Rio dos Pretos possuíam uma receptividade negativa, uma vez que, o termo “preto” constituía-se como ofensivo, e era referível ser reconhecido como “moreno” (FARIAS JÚNIOR, 2011). Para este autor, o contexto de exclusão social e intrusão de “outros” nas terras que os pretos ocuparam é que os remanescentes buscaram se organizar em torno de sua identidade coletiva (FARIAS JÚNIOR, 2011, p. 146).

Os conflitos continuaram, muitas famílias tiveram que se deslocar de suas terras para atender as ações em torno do Rio Jaú, e a situação de exclusão ainda persiste como nos séculos XVIII e seus sucessores.

Em relação ao chamado Baixo Amazonas, leste do Estado homônimo, que compreende hoje alguns municípios de Barreirinha, Nhamundá, Maués, Urucará e Parintins há informações limitadas sobre a presença negra, sendo que, com a certificação dos Quilombos do Rio Andirá, as pesquisas na região têm se intensificado com o reconhecimento desses territórios de negros, levando pesquisadores do entorno a investigarem a presença negra em suas localidades.

Existem inúmeras comunidades rurais no leste amazonense que apontam ser território onde existe presença negra, especialmente nos municípios de Parintins e Barreirinha. Essas comunidades possuem denominações como “terra preta” do Rio Mamurú, do Paraná do Ramos, como “Mocambo do rio tracajá, do rio Arari” que em nenhum momento se identificam como negras ou inseridos nessa “cultura afro indígena” ou “afro amazônica” (ROCHA, 2014; GOMES, 1997).

Segundo Funes (1995) a procedência de muitos escravos africanos conduzidos à região do Baixo Amazonas remete aos negros que foram trazidos a bordo de navios vindos da Costa Ocidental da África, havendo uma predominância de nativos da etnia Bantu, da região Congo-Angola. A cultura e as tradições dessas demandas de africanos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

se perduraram no tempo e no espaço, e estão presentes, na contemporaneidade, nas manifestações culturais e na memória de seus herdeiros (ARCHANJO, 2014).

Entende-se que os comunitários mantêm em seus modos de vida, práticas culturais, festas, batuques e expressões corporais referentes da cultura afro, entre suas manifestações estão: bumbás, pássaros e danças como Marujada, Carimbó, Lundu, Gambá, Marzuca, o que indica a ineficácia de discussões acerca do quantitativo negro na região e atestam qualitativamente a presença negra na configuração das “florestas culturais” (PINTO, 2008) que compõe as várzeas e as terras firmes do Leste amazonense.

As manifestações negras, todo o seu conjunto folclórico dessa classe que foi subalternizada no processo histórico tem comunicado a reivindicação dos quilombolas amazonenses. Assim, há o uso da Folkcomunicação nesses ambientes negros. Para Melo (2006, p. 5), a referida metodologia “caracteriza-se pela utilização de estratégias de difusão simbólica capazes de expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”.

Para Silva (2014), na região que compreende ao Baixo Amazonas, mais precisamente nas margens do lago Matupiri pertencente ao município de Barreirinha, Amazonas, localizam-se cinco comunidades que se definem como remanescentes de quilombo. As comunidades Boa Fé, Ituquara, São Pedro, Tereza do Matupiri, Trindade foram certificadas pela Fundação Cultura Palmares no Livro de Cadastro Geral nº 16 através da Portaria Nº 176, de 24 de outubro de 2013⁴ (SILVA, 2014, p.3).

A legitimação da identidade dos comunitários ainda está sendo buscada e agregando mais comunidades próximas a lutarem por seu reconhecimento, sendo as manifestações formas que privilegiam as afirmações de identidade ligando-os ao passado. Dentre as manifestações de identidade negra na Região do Rio Andirá está a dança do gambá que faz parte da tradição cultural do quilombo do Matupiri. Para Canclini (1995, p.124), “a identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra”.

⁴ Ver: Diário Oficial da União. Seção 1. Nº 208, sexta-feira, 25 de outubro de 2013.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Santa Teresa é uma comunidade que homenageia a primeira moradora dessa localidade: a senhora Teresa de Castro. O nome Matupiri remete a um igarapé próximo, que por sua vez recebeu este nome em decorrência da existência de um pequeno peixe bastante comum em suas águas.

Os acadêmicos do Curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, que cursavam no sétimo período a Disciplina História Oral, estiveram na região do Rio Andirá em 2009 para realizar pesquisas nas comunidades que lutavam, naquele ano, por reconhecimento como afrodescendentes.

Utilizando o Método da História Oral, os acadêmicos investigaram, inicialmente, a comunidade de Santa Tereza de Matupiri no processo da pesquisa de campo onde se observou a riqueza natural da região do Rio Andirá.

A comunidade foi receptiva com os acadêmicos realizando a apresentação da comunidade aos pesquisadores. No ano de 2009, Santa Tereza do Matupiri já possuía habitações construídas em madeira, cobertas de palha, algumas com telhas brasilit. Dispunha de ruas, que ainda não haviam passado por processo de urbanização com a aplicação de massa asfáltica, meio fio ou sarjeta. Havia também um barracão que servia como escola e local de reuniões dos comunitários.

A comunidade não contava na época com o fornecimento de energia elétrica nos dias em que foram realizadas as pesquisas, sendo que seu fornecimento era realizado somente à noite, devido à escuridão. Não havia abastecimento de água encanada, e os comunitários bebiam água do rio conservada em potes de barro e garrafas. A lavagem de roupas, banho e lavagem de vasilhas eram feitas na mesma água da qual saciam a sede.

Nos primeiros momentos da pesquisa os acadêmicos foram informados sobre algumas pessoas, sobretudo idosos que poderiam contribuir com a pesquisa fornecendo informações através de seus relatos orais. Observou-se que grande parte dos comunitários de Santa Tereza do Matupiri apresentavam poucos traços físicos referentes ao fenótipo negro sendo justificado por um processo de miscigenação, havendo a preferência, da maioria dos comunitários, pela religião católica, uma vez que, muitos dos antigos moradores envolveram-se em movimentos da Igreja Católica, como por



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

exemplo, o Marianismo e o Movimento do Apostolado da Oração, e terem passado pelo processo de catequização.

Após a pesquisa acadêmica realizada no Matupiri em 2009, outros estudos que também se desenvolviam no período ganharam evidência e a região do Rio Andirá foi se tornando referência em relação à sua luta por reconhecimento como terra de quilombolas. Para tal luta, a preservação e vivência das tradições são importantes. Na comunidade Santa Tereza é realizado um festival, que recentemente foi incorporado ao seu cotidiano para movimentar os comunitários com suas manifestações culturais que são de suma importância para a constituição de sua identidade como remanescentes quilombolas. Nesse festival são apresentadas danças, brincadeiras, cantigas e crenças que objetivam reviver a memória, a história e os conjuntos de tradições que a comunidade mantém.

A dança do gambá é uma das manifestações mais referenciadas pelos comunitários. Trata-se de um movimento dançante feito a partir do batuque de um tambor com o mesmo nome (ROCHA, 2014). Essa dança é de suma importância para os remanescentes quilombolas e está presente na memória dos moradores da comunidade Santa Tereza do Matupiri fazendo parte de sua cultura desde a fundação da localidade:

Minha avó comprou esse terreno aqui, aí ela fundou a comunidade, uma comunidade pequena mais quando fazia festa enchia de gente, noite e dia, era gambá, uma semana no gambá outro na cachaça. [...] A gente pega um pote forrado, e a gente bata lá e começa a gritar e cantar, ou seja, eles confeccionavam o instrumento, o “gambá”, para poder realizar a dança. (Mário⁵, 69 anos, 2009⁶)

Ao ser indagado sobre a origem de seus avós, Mário, morador do quilombo Santa Tereza do Matupiri encontra na memória registros de sua história familiar de grande importância para o território onde reside. O colaborador afirma que somente sua mãe era da comunidade e destaca que seu avô era oriundo do continente africano, de

⁵ Utilizo nomes fictícios com o objetivo de respeitar as identidades dos informantes.

⁶ Registro etnográfico realizado em 2009 na Comunidade Santa Tereza do Matupiri, quando cursava Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Amazonas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

onde percorreu muitos caminhos até o local onde os remanescentes vivem atualmente.

Acrescenta que:

Pelos barrancos que eles chegaram aqui, ela que fez essa festa aqui, e aqui era festa noite e dia, naquele tempo a cachaça era só tarubá, só tomava a velharada, cunha não tomavam. Naquele tempo só os velhos dançavam, agora não, os velhos dançam e as crianças também, hoje é diferente.

A festa representa a celebração da chegada dos negros no território que seria posteriormente denominado de comunidade de Santa Tereza do Matupiri. As memórias da celebração dos antepassados são de suma importância para a identidade dos moradores do Quilombo do Matupiri. Para Silva (2014) a reunião de memórias e a recomposição do passado implicam em um trabalho de ressignificação de conhecimentos.

Com relação à fundação da comunidade e as manifestações festivas e danças da localidade:

Quando começou essa comunidade tinha uma casa ali onde tem uma igreja, uma igreja, era de uma senhora uma Maria Tereza era o nome dela, então veio um senhor no começo chamou aqui pra essa ponta Vila Tereza, ai ela ficou até contra ele, tem chamado já pra ela de Vila Tereza mais o povo pegou assim ficou Vila Tereza é o nome dela era Maria Tereza, tinha só uma casinha lá na frente, só ela com as filhinhas dela, ela tinha mais um filho lá na ponta, depois e ai ela era católica, ela mandou fazer uma casinha, ai la dentro ela mandou fazer um negócio que chamam de trono, que era antigo reza que começa a reza chamam de trono, tinha, ali dentro naquilo ali ela botava umas imagem, ai tinha a santa Terezinha que ela já tinha essa Santa Terezinha, ai ela mandava rezar os filhos dela. (Francisca⁷, 84 anos, moradora da comunidade Santa Tereza do Matupiri⁸)

Assim como Santa Tereza, as demais comunidades quilombolas da região do Rio Andirá tem buscado reafirmar sua identidade através da preservação das tradições orais e corporais de seus antepassados.

Com o reconhecimento destas comunidades, como exemplo Santa Tereza do Matupiri, Trindade, São Pedro, Ituquara e Boa Fé, a região que compreende aos municípios de Parintins, Barreirinha, Nhamundá, Maués, Boa Vista do Ramos e

⁷ Nome fictício.

⁸ Entrevista realizada em 2010.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Urucará tornou-se centro de muitos questionamentos sobre a presença africana e suas características nas terras que abrangem os referidos centros urbanos e suas zonas rurais. Sobre o exposto, no que diz respeito ao Estado do Amazonas, percebe-se que, em sua porção territorial leste, no limite com o Pará, surge nos últimos anos comunidades que se autodeclaram afro amazônicas (ROCHA, RODRIGUES E AGUIAR, 2016; GOMES, 1997) ou que se consideram imersas em suas culturas negras, “impulsionando discussões qualitativas sobre a presença negroide na configuração de ambientes adornados de culturas dominiais existentes para além da região do Andirá, mesmo local da fronteira Amazonas-Pará” (ROCHA, RODRIGUES E AGUIAR, 2016, p. 67).

Em Manaus, capital do estado do Amazonas, mais precisamente, na Avenida Japurá, no bairro Praça 14 de Janeiro localiza-se o Quilombo de São Benedito ou Quilombo do Barranco, o primeiro território quilombola urbano reconhecido na Região Norte. No mesmo residem 25 famílias que descendem de ex-escravos que se instalaram no Amazonas há mais de cem anos (PONTES E PONTES, 2016).

Segundo quilombo urbano reconhecido no Brasil e antiga Praça da Conciliação, o bairro onde está inserido o Quilombo do Barranco tem sua história relacionada à Revolução de 14 de janeiro de 1892. A antiga Praça da Conciliação acabou passando por várias alterações em seu nome, chamando-se Praça Fernandes Pimenta – soldado morto na Revolução de 1892- até haver a mudança para o nome que possui na atualidade (SAMPALHO, 2011).

Para Pontes e Pontes (2016), em seus 125 anos, o Quilombo do Barranco sempre esteve ligado a São Benedito, o padroeiro dos negros. Em sua trajetória, anterior à urbanização do bairro (1963-1964), a comunidade do Barranco já foi chamada de Vila dos Maranhenses, Reduto dos Maranhenses e Reduto dos Negros devido sua história estar ligada à chegada dos maranhenses Maria Severa Nascimento, Raimundo, Manoel e Antão, mãe e filhos, respectivamente, assim como Felipe Nery Beckmann. Também vieram cearenses para a Praça 14.

Sobre o processo de luta dos negros do Quilombo do Barranco, Pontes e Pontes (2016, p. 14) também consideram que:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A aglutinação e organização da negritude tem início com o advogado Nestor José Soueiro Nascimento, nascido em 1947 e falecido em 2003, portanto, ele foi o pioneiro intelectual na luta pelos direitos dos negros da Praça 14 de Janeiro, pois na década de 1960, criou o Movimento de Alma Negra, tempos depois, outro movimento surge em defesa da história e da causa dos negros descendentes de escravos a Associação do Movimento Orgulho Negro do Amazonas (AMONAM).

As famílias do Barranco de São Benedito da Praça 14 tiveram contato com o Ministério Público Federal em 2013 quando este realizava o Projeto MPF em Movimento que recomendou a certificação do lugar pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Conforma Pontes e Pontes (2016, p.14):

instaurou-se um inquérito civil público para acompanhar o processo de identificação da comunidade do Barranco, como remanescente de quilombo. Depois da análise de documentos pela FCP e visitas *in loco* para entrevistas com os descendentes de escravos que já estão na quinta geração, constatou-se o desejo de serem reconhecidos como comunidade quilombola. Após um ano, o órgão certificou a comunidade como remanescente de quilombo. A portaria Nº 104, de 23 de setembro de 2014 que oficializa a certificação foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) do dia 24 de setembro de 2014, através da Fundação Cultural Palmares.

Com a certificação do Barranco de São Benedito, o processo de reconhecimento da presença negra no Amazonas ganha ainda mais avanços, assim como a identificação de mais territórios quilombolas no Estado.

As comunidades reconhecidas têm mantido suas tradições através de festivais em homenagem à consciência negra, debates acadêmicos, marujada de São Benedito, produção de peças de barro, danças do gambá, lundum, brincadeiras, entre outras manifestações tradicionais durante o ano. Todas as suas práticas culturais comunicam suas identidades, suas luta por reconhecimento e respeito.

Considerações finais

Deve-se considerar a relevância da cultura africana e afro-brasileira na Amazônia de forma ampla e destituir quaisquer equívocos provenientes da falta de conhecimento sobre as vivências afro no território amazônico. Os mocambos que sobreviveram a todas as tentativas de destruição da resistência afro-amazônica vêm se



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

tornando comunidades quilombolas, com as certificações feitas pela Fundação Palmares. Esses territórios são ambientes de povos que lutam para que a sociedade brasileira reconheça e respeite suas tradições.

A cultura negra no Amazonas ainda vem sendo revelada, com limitados enfoques em algumas áreas, mas, com grande impulso em virtude das lutas de remanescentes quilombolas, suas manifestações folkcomunicacionais e discussão sobre diversidade cultural. A folkcomunicação das classes subalternizadas mostra toda a riqueza cultural desses grupos e a mensagem de luta, respeito, reconhecimento e manutenção das tradições dos antepassados negros.

Entende-se que as manifestações populares dos remanescentes quilombolas do Estado do Amazonas possibilitam estudos sob o viés da teoria da Folkcomunicação uma vez que esta metodologia possibilita observar as formas de comunicação que as comunidades tradicionais utilizam para veicular sua cultura.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARTH, Friedrik – “**Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras**”, in: Lask Tomke 2000 (org.). O Guru, O Iniciador e Outras variações Antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p. 25-57.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e expressões de ideias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

COSTA, Renilda Aparecida Costa. **A Identidade Nacional Brasileira e a Educação: Homogeneidade X Pluralidade Cultural**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Do Planalto Catarinense – UNIPLAC, 2001.

FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida. **Quilombolas na Amazônia: um esboço preliminar do estudo de comunidades de pretos no Complexo Madeira**. In: II Encontro Brasileiro de Ciências Sociais e Barragens. Salvador, Bahia: Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia/EDUFBA, 2007.

_____. **Quilombolas no Amazonas: do Rio dos Pretos ao Quilombo do Tambor**. In: O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açai; CNPq, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Paisagens, 2000.

FUNES, Eurípedes Antônio. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor”**: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, SP. 1995.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. *IV*. Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história; tradução: Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 177

GOMES, Robeilton de Souza. **Fuga, sublevação e conflito: faces da resistência política na Amazônia colonial (sec. XVIII)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

GOMES, Flávio dos Santos. **Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambos na Amazônia**. Revista USP, São Paulo (28):40-55, dezembro/fevereiro 95/96.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

MACIEL, B. Rede de estudos e pesquisas em folkcomunicação. Rede Folkcom: história e perspectivas de um novo campo do saber. CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANA – CONFIBERCOM, 1., 2011, São Paulo. **Anais...** Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/50.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

MELO, José Marques de. Folkcomunicação na era digital. Folkcomunicação na era digital: a comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. **Razón y Palabra**: revista do Instituto Tecnológico de Monterrey, México: ITESM, n. 49, ano 11, fev-mar 2006, p. 1-26. 2006.

MORESCO, Marcielly Cristina ; RIBEIRO, R. . O Conceito de Identidade nos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos: Um Resgate Teórico. **Animus** (Santa Maria. Online), v. 14, p. 168-183, 2015.

PONTES, Aldrin Bentes; PONTES, Joyce Karoline Pinto Oliveira. O direito à cultura religiosa: reflexões sobre a festividade de São Benedito em Manaus. **Anais do COMPEDI**, 1ed. Florianópolis: Conpedi-UNB, 2016, v. 1, p. 11-27.

ROCHA, João Marinho da. Cultura, Memória e Identidade quilombola: Narrativas orais sobre as festas populares da comunidade de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha-AM. **Anais do XII Encontro Nacional de História, 2014**. Disponível em:
http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397502041_ARQUIVO_JoaoMarinho-textocompletoPI-Copia.pdf. Acesso em 22/04/15.

ROCHA, João Marinho da; RODRIGUES, Renan Albuquerque; AGUIAR, José Vicente de Souza. **Caminhos para a autodeclaração: a luta por reconhecimento de mulheres quilombolas de Santa Tereza do Matupiri, na fronteira Amazonas-Pará**. História e Perspectivas, Uberlândia (54): 61-84, jan./jun. 2016.

SILVA, Júlio Cláudio da. **Memória e identidade nos relatos dos quilombolas da comunidade de Santa Tereza do Matupiri, Barreirinha, Amazonas**. In: Encontro da Associação Brasileira de História Oral, ABHO, 2014, Teresina. Anais [recurso eletrônico]/ XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral, 2014.

SOUZA, Alênicon Pereira de; PEDROSA, Ana Paula da C. Amorim. O paradigma da Folkcomunicação: estudo de caso à luz da teoria de Beltrão, Trigueiro e Hohlfeldt. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 16 n.16, p. 79-87 jan/dez. 2012

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 14ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

Fontes

GOMES et. al. **Memória e luta: narrativas dos remanescentes de quilombos de Santa Teresa do Matupiri, São Pedro e Trindade**. Relatório de pesquisa de campo, Universidade do Estado do Amazonas. Parintins. 2009.